



*elefante*  
EDITORA

**conselho editorial**

Bianca Oliveira  
João Peres  
Tadeu Breda

**edição**

Tadeu Breda

**assistência de edição**

Carla Fortino

**preparação**

Mariana Zanini

**revisão**

Túlio Custódio  
Laura Massunari

**projeto gráfico**

Leticia Quintilhano

**ilustração da capa**

Camila Yoshida

**direção de arte**

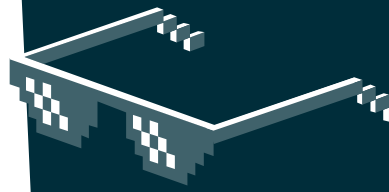
Bianca Oliveira

**diagramação**

Victor Prado

tradução  
Vinícius  
da Silva

# bell hooks



a gente  
é da hora  
homens negros e masculinidade

*eu não estava destinada  
a ficar sozinha e sem você,  
que compreende*

# conteúdo

## **apresentação**

farol do desassossego  
*Lázaro Ramos, 9*

## **prefácio à edição brasileira**

por uma ética da responsabilidade  
e autodeterminação, ou  
como podemos ser da hora  
*Túlio Custódio, 13*

## **nota da tradução, 24**

## **prefácio**

sobre homens negros: não acredite no *hype*, 28

- 01.** patriarcado da plantation, 42
- 02.** cultura *gangsta*: participação nos lucros, 64
- 03.** escolarização de homens negros, 88
- 04.** não me obrigue a machucar você: homens negros e violência, 108
- 05.** coisa de homem: além da performance sexual, 136
- 06.** de meninos raivosos a homens raivosos, 160
- 07.** esperando papai voltar para casa: parentalidade masculina negra, 182
- 08.** fazendo o trabalho do amor, 202
- 09.** curando a ferida, 228
- 10.** da hora é ser real, 246

## **sobre a autora, 268**

# apresentação

## farol do desassossego

Lázaro Ramos

A primeira vez que li um livro de bell hooks, ainda adolescente, em cada página eu sentia transpirar informação, transgressão e paixão. Esse primeiro contato, naquele momento em que eu tentava compreender quem eu era e como me encaixar no mundo, foi determinante para minhas escolhas futuras e se tornou um dos faróis para questões que nunca discuti dentro da minha casa. Desde então, no meu vocabulário, em conversas com amigos, jovens, desconhecidos ou quem mais papeasse comigo, uma frase sempre era repetida: “leia bell hooks”. Com este livro, a frase ganha outra cor. Agora grito aos sete ventos: “leia *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*, de bell hooks”.

O impacto da leitura foi tamanho que quem convive comigo só me escutava falar disso, como se eu tivesse tido uma revelação ou, no mínimo, uma organização de sensações, comportamentos e caminhos sobre nossa masculinidade. É impossível se conter ao ler o que estas páginas revelam. Para mim, homem negro, foi muito importante conhecer esta análise profunda

de como o machismo nos molda, numa perspectiva histórica. De presente, ainda me senti acolhido ao perceber como, desde o processo de escravização, nós, tropegamente, vamos tentando resgatar nossa humanidade ao experimentar diversas estratégias que de alguma forma nos emanciparam, mas ao mesmo tempo nos trouxeram outras prisões. Também me emocionei com tudo que li de libertador. Saber que Muhammad Ali ousou forjar masculinidades alternativas e afirmar uma identidade masculina negra distinta do estereótipo, e ser impulsionado a perceber em detalhes o que significam tais escolhas, me trouxe fé. E, como não podia faltar num livro de bell hooks, o texto também fala muito sobre amar e ser amado.

Mas não pense que o livro é para provocar apenas conforto e acolhimento; ele traz desassossego em cada linha e nos convoca a responsabilidades. bell aponta as violências que cometemos e nossa incapacidade de nos libertar física e mentalmente com paixão e de forma íntima. Essa intimidade se torna tão importante que, juntamente com o desassossego provocado pela leitura, fui tomado pelo desejo de ler o livro nas madrugadas e deitar em silêncio pensando; de ler nas pausas do trabalho, pois parecia a melhor maneira de usar meu tempo; de reclamar de algo, vomitar uma revolta e me apaixonar pela masculinidade revolucionária.

Entre outras coisas, bell nos liberta para sabermos que temos o direito de ser amados e que essa é uma luta necessária. Ela também nos diz que devemos amar, mas amar com mais respeito, responsabilidade, compreensão, companheirismo e demonstração constante de afeto e coragem. E seguirmos em luta. Porque ainda precisamos refletir criticamente sobre o passado, nos defender para que nossos corpos não sejam trata-

dos como um alvo para a morte, transgredir os limites estabelecidos pelo racismo, nos curar e criar conexões.

Espero que esta leitura te traga desassossego e acolhimento como trouxe para mim, e que você também possa gritar o que tiver preso na sua garganta e silenciar para entrar em contato consigo e produzir o seu próximo passo.

**Lázaro Ramos** é ator e diretor de tv, cinema e teatro, além de apresentador e escritor. Atuou em *Madame Satã* (2002), *O Homem que Copiava* (2003), *Cidade Baixa* (2005) e *Ó Paí, Ó* (2007), e dirigiu *Medida Provisória* (2022). Escreveu livros infantis, como *O caderno de rimas de João* (Pallas, 2010), e o autobiográfico *Na minha pele* (Companhia das Letras, 2017), destaque da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip)